



O sagrado no romance hispano-americano do século XX

The sacred in the Hispanic-American novel of the 20th century

Ana Lucia Trevisan*

Resumo

O trabalho estuda as formas de representação do sagrado no romance hispano-americano do século XX e propõe uma reflexão sobre algumas formas de utilização das mitologias e tradições religiosas pela literatura. A presença das narrativas sagradas no texto literário do século XX surge marcada por uma renovada experiência estética, pois não se trata apenas de utilizar ou reutilizar uma temática exótica, mas, sim, perceber um potencial tradutor de verdades universais, imanentes aos textos religiosos ou mitologias ancestrais. O artigo propõe uma reflexão sobre as particularidades da produção literária europeia e hispano-americana, que utilizam os temas sagrados, a fim de perceber as consonâncias e dissonâncias estéticas e históricas. O fenômeno estético denominado “mitologismo”, estudado por E.M. Mielietinski, pode ser entendido como um *modus operandi* da estruturação do romance que conjuga literatura e relatos sagrados e, neste estudo, fundamenta a discussão sobre a heterogeneidade cultural dos povos hispânicos expressa em suas representações literárias.

Palavras-chave: Romance . Mitologias. Religião. Hispano-América.

Abstract

This article studies the forms of representation of the sacred in the Hispanic-American novel of the 20th century and proposes a reflection on some ways of using the mythological and religious traditions by literature. The presence of sacred narratives in the literary texts of the 20th century is marked by a renewed aesthetic experience, once it does not only refer to using or re-using an exotic theme, but perceiving a potential translator of universal truths, immanent to religious texts or mythological ancestors. The present proposal offers a reflection on the peculiarities of European and Hispanic-American productions which make use of sacred themes, meaning to understand the aesthetic and historical consonances and dissonances. The aesthetic phenomenon named “mythologism”, studied by E.M. Mielietinski, can be understood as a *modus operandi* of the structure of the novel that joins literature and sacred texts and, in this study, serves as a basis for the discussion on the cultural diversity of Hispanic peoples expressed in their literary representations.

Keywords: Novel. Mythologies. Religion. Hispanic-America

Artigo recebido em 28 de janeiro de 2013 e aprovado em 22 de março de 2013.

* Doutora em Letras (USP). Professora Adjunta da Universidade Presbiteriana Mackenzie. País de origem: Brasil.
E-mail: ana.trevisan@mackenzie.br.

Introdução

As diferentes possibilidades de análise das relações entre narrativas literárias e textos sagrados evidenciam a importância de refletir-se sobre os sentidos múltiplos e desafiadores desta temática. Os estudos realizados sobre a literatura que dialoga com a tradição do sagrado têm se renovado mediante diferentes parâmetros críticos e cabe destacar que os contextos históricos e culturais são sempre determinantes no processo dessas leituras e releituras. Pensando as muitas faces dessa discussão, este trabalho propõe uma reflexão sobre algumas formas de utilização das mitologias e tradições religiosas na literatura hispano-americana do século XX, buscando estabelecer certos contrapontos com a produção literária europeia e perceber, assim, as particularidades das consonâncias e dissonâncias estéticas e históricas.

A estudiosa Lilian Feder, em seu livro *Ancient myth in modern poetry*, apresenta uma aprofundada reflexão sobre a presença dos mitos na produção poética do século XX e destacamos aqui uma ideia inicial, importante para pensar os sentidos dos usos e funções do sagrado e do mítico no âmbito da produção literária do século XX:

Na confusão das disputas sobre sua definição, exageros de seus valores, e conselhos acerca de seus perigos, um fato sobre o mito é claro: ele sobrevive porque suas funções no presente revelam uma capacidade marcante de desenvolvimento e adaptação aos requisitos intelectuais e estéticos do século XX. (FELDER, 1971, p. 3-4, tradução nossa)¹.

Uma possibilidade de compreensão do uso das narrativas sagradas no século XX estaria vinculada ao fato de que o escritor contemporâneo utiliza a essência formal e temática dos relatos sagrados para diferentes finalidades, atribuindo-lhes variados significados, sempre em harmonia e na dependência do momento

¹ In the confusion of disputes over its definition, exaggerations of its values, and warnings of its dangers, one fact about myth is clear : it survives because its functions in the present, revealing a remarkable capacity to evolve and adapt to the intellectual and aesthetic requirements of twentieth century.

histórico em questão. A presença das narrativas sagradas no texto literário do século XX surge marcada por uma renovada experiência estética. Não se trata apenas de utilizar ou reutilizar uma temática exótica, mas, sim, perceber um potencial tradutor de verdades universais, imanentes aos textos religiosos ou mitologias ancestrais.

Em uma reflexão ao longo do tempo, observa-se que uma das diretrizes de interpretação do uso de narrativas míticas ou sagradas, no universo das análises literárias, esteve marcada por uma crítica mitológico-ritualística. O teórico russo E.M. Mielietinski assinala que a vertente ritualística de interpretação dos mitos sofreu a influência dos estudos de Frazer a respeito da prioridade do ritual sobre o mito, como no caso dos rituais agrários de renovação cíclica. Os estudos de Frazer, somados aos estudos do etnógrafo inglês Malinowski, contribuíram para o estabelecimento da premissa de que as narrativas sagradas primitivas possuíam um aspecto ritualístico ajustado a uma funcionalidade. (MIELIETINSKI, 1976, p. 40).

As narrativas míticas, em sua origem, poderiam ser reconhecidas por sua função pragmática, o que afirmaria a ideia de coesão e identidade social. Alguns estudos antropológicos, que descreveram a reincidência de determinados ritos ao longo do tempo, tiveram uma influência em uma crítica literária que procurava perceber a repetição de temas mitológicos nas obras de ficção. Porém, essa vertente interpretativa tornou-se um pouco insípida, na medida em que desprezava o contexto social e histórico da produção literária que se propunha a analisar, transformando a literatura em uma espécie de repositório de "resquícios" de ritos. (MIELIETINSKI, 1976, p. 110-138).

As teorias desenvolvidas pela escola mitológico-ritualista foram aproveitadas nos estudos literários da década de 50 e, ainda hoje, podem ser consideradas como uma tendência presente nas interpretações literárias que relacionam as narrativas sagradas e ficção. Essa corrente crítica, quando surgiu,

provocou certa etnologização da interpretação literária, criando uma proposta de análise calcada na combinação do estudo da mitologia tradicional e da crítica literária. O ritualismo introduzido por Frazer, principalmente nos estudos comparativos contidos em *The Golden Bough* (1982), foi também responsável pelo direcionamento desta abordagem dessa crítica. A interpretação dos mitos, amparada em uma constante referência aos ritos comuns às diferentes mitologias, sofreu uma evolução em seu período de preponderância na crítica literária quando se uniu aos princípios da psicanálise, principalmente, à teoria dos arquétipos de Jung. A combinação desses dois aspectos interpretativos fomentou as características fundamentais da corrente crítica mitológico-ritualística, que ainda marca presença nos estudos comparativos entre literatura e mitologia.

Nas interpretações do romance de "educação" - o *Bildungsroman* - que surge na literatura com uma relativa frequência, é possível identificar a presença da crítica mitológico-ritualística, direcionando uma leitura que descreve tal forma de romance como equivalente aos ritos de iniciação tribais, existentes nas sociedades ditas primitivas. Sem dúvida, na atualidade, é preciso um pouco mais de cautela nessa afirmação, pois, como afirma Mielietinski, de acordo com uma nova interpretação do uso dos mitos na literatura, no romance do século XX observa-se que o resultado da "iniciação" proposta pelo "romance de educação" compreende a frustração e na maioria das vezes a adaptação ao "mal", aspecto este bastante diverso do sentido enobrecedor implícito nos ritos de passagem e iniciáticos das sociedades tribais. (MIELIETINSKI, 1976, p. 335).

Tal característica do "romance de educação", pode ser exemplificada com a obra *Las buenas conciencias* (1959), do escritor mexicano Carlos Fuentes. No romance existe a referência explícita a um tipo de "iniciação" que não resulta de forma positiva para o herói. Na obra, o rito iniciático pelo qual passa a personagem principal, Jaime Ceballos, resulta na sua acomodação aos valores corrosivos e hipócritas da burguesia mexicana e no conseqüente abandono de seus ideais políticos, religiosos e até mesmo de suas pretensões intelectuais. A adaptação ao

"mal" presente nesse livro seria uma forma de representação da adaptação aos valores do *socium* burguês que aparece analisado e criticado por Fuentes. É preciso cuidado ao interpretar a transformação da personagem simplesmente como parte de um rito de iniciação, tal qual poderia ser proposto em um ritual sagrado, pois não seria válido supor que os mecanismos da funcionalidade operacional do mito podem, ou devem, ser aplicados diacronicamente. O que se aproveita na trajetória da personagem do romance é uma forma de estruturação, no caso da "iniciação do herói", porém, a função e o sentido, uma vez transportados para o texto ficcional, estão distanciados daqueles valores e sentidos genuínos à sociedade ancestral. O uso dos mitos no romance do século XX não revela o aspecto próprio da funcionalidade do ritual "primitivo", uma vez que se manifesta em uma sociedade guiada por preceitos já muito diferentes das sociedades arcaicas. Os mitos sobrevivem no tempo, mas o conflito do homem é outro. Eles são apreendidos pelos sujeitos históricos por meio de uma ótica diferenciada, na qual pode surgir um sentimento nostálgico de perda e carência de um tempo onde a religião efetivava o verdadeiro sentido latino de *religare*.

1 O estudos sobre o mitologismo

Dentro da crítica do século XX, é importante ressaltar um novo modo de interpretação literária, que surge amparada nas referências míticas. Assim, observa-se uma perspectiva estrutural reincidente, porém, esvaziada dos sentidos primordiais pertencentes ao mito. Esse procedimento reformula a prática etnologizante dos estudos literários. Uma nova postura crítica de explicação da reincidentia de temas míticos na literatura originou-se na medida em que também surgiu uma nova concepção estética que insere na narrativa literária formas de conteúdos míticos e sagrados. O uso que escritores de ficção passaram a fazer dos mitos tornou-se um fenômeno literário marcado pelo distanciamento dos ideais implícitos ao sagrado. Este fenômeno foi entendido por Mielietinski como "mitologismo", definição ampla que poderia equiparar-se a

toda sorte de prefiguração, isto é, o emprego quer dos mitos tradicionais, quer das imagens literárias anteriormente criadas por outros escritores bem como dos enredos e temas históricos (nisto se manifesta a influência das orientações da nova crítica e a influência da mais nova prática de criação artística). (MIELIETINSKI, 1976, p. 119).

A partir da abrangência de um renovado uso dos mitos pela produção literária, principalmente pelo romance europeu do início do século, desencadeou-se a ideia do “mitologismo”. O teórico E.M.Mielietinski, que estudou as diferentes correntes interpretativas do mito e também da função mito-poética no romance, observou que a as obras de James Joyce, Thomas Mann e também dos escritores latino-americanos permitem a elaboração de uma perspectiva crítica profícua, que exige especial atenção aos contextos culturais e históricos. Nos estudos de Mielietinski fica evidente o objetivo de assinalar que no processo de construção das narrativas mito-poéticas europeias subjaz a questão da fuga da História. Assim, em sua análise, destaca-se a seguinte consideração sobre as narrativas de alguns autores europeus:

Entre toda uma variedade de autores, o mitologismo está relacionado de modo bastante estreito às suas frustrações com o "historicismo", ao medo dos abalos históricos e à descrença de que os avanços sociais modificarão o fundamento metafísico do ser e da consciência humanos. (MIELIETINSKI, 1976, p. 353).

Segundo Mielietinski, as perspectivas mito-poéticas surgidas a partir das obras de Joyce e Mann provocaram um direcionamento interpretativo que não permite um tipo de análise limitador, que observaria apenas a constatação de motivos mitológicos em obras literárias. Logo, o mitologismo propicia uma nova interpretação do processo de aproximação entre literatura e sagrado, pois em seu processo de criação artística, tanto as narrativas míticas genuínas aparecem, como também os temas que se tornaram míticos, graças à consagração literária. Exemplos clássicos disso seriam os personagens Dom Quixote ou Dom Juan, que se tornaram ícones, mitos da literatura que reincidem em diferentes obras ao longo do tempo. Como pode ser observado, o mitologismo vislumbra a possibilidade de

perceber a forma como os autores são livres inclusive para criar novas mitologias, apropriando-se de temas de narrativas sagradas e mesclando-os a temas míticos particulares de sua cultura moderna. Com respeito à construção mitologizante dos romances de James Joyce, Mielietinski considera:

a substituição de personagens por modelos de diversas mitologias, fontes literárias e históricas (...) corresponde à necessidade de uma simbolização universal e traduz simultaneamente o nivelamento, a falta de personalidade de determinados personagens e objetos no universo da alienação de nossos dias. (MIELIETINSKI, 1976, p. 376).

Sem dúvida, um aspecto renovador da utilização das narrativas sagradas nas literaturas do século XX é a utilização do mitologismo como uma forma alternativa para a estruturação do romance moderno. (MIELIETINSKI, 1976, p. 351). A essência estrutural do mito torna-se um novo fio condutor das narrativas, na quais, muitas vezes, as noções clássicas de cronologia ou ordenação temporal estão totalmente subvertidas. Com isto, após a negação da estrutura do romance clássico do decimonônico, a poética da mitologização contribui para ordenar a estrutura da narrativa e também para criar a possibilidade de um tema mitológico autônomo. (MIELIETINSKI, 1976, p. 402).

Ainda com relação às particularidades do mitologismo, expresso no romance do século XX, pode-se destacar o sentido da presença e da função da ironia, intrínseca a esse mitologismo. Conforme considera Mielietinski: "o mitologismo de século XX é inconcebível sem humor e ironia, que decorrem inevitavelmente do próprio fato de o escritor contemporâneo recorrer aos mitos antigos". (MIELIETINSKI, 1976, p. 390). Observa-se que a ironia surge porque o escritor contemporâneo que resgata em sua obra elementos de um texto sagrado ancestral parece estar consciente da distância em que ele se encontra dos genuínos ideais de fé dessa mitologia. O homem da atualidade está claramente separado daquele homem primitivo que incorpora os mitos e os rituais a fim de preservar-se enquanto *socium*. Neste ponto, surge uma das bases da diretriz interpretativa de Mielietinski, pois em sua argumentação, os escritores europeus seriam os grandes

representantes de um tipo de formulação estética, que utiliza o mitologismo conjugado a uma forte dose de ironia. O uso dos mitos, para os escritores europeus, seria, acima de tudo, o exercício de um intelectualismo. Segundo Mielietinski, tanto em Joyce como em Thomas Mann, a poética da mitologização é um retorno não espontâneo ou intuitivo, ao pensamento mito-poético, mas um aspecto do romance intelectual, até filosófico, baseado no profundo conhecimento livresco da cultura antiga, da história da religião e das teorias científicas contemporâneas. (MIELIETINSKI, 1976, p. 402).

Percebe-se, então, que o caráter espontâneo, característico da prática ritual, quando realizado no interior de uma sociedade "primitiva", se modifica pois necessita adaptar-se ao mundo do discurso ficcional. No seu processo de transmutação para a literatura do nosso tempo, a narrativa mítica sagrada perde um dos seus aspectos mais fundamentais: a funcionalidade da legitimação social e a fé inerente em seu poder de atuação. Desta perda resulta a ironia na literatura mito-poética do século XX. A ironia resultante da utilização dos mitos e rituais como um exercício de intelectualismo, também se conjuga com a ideia de que a História é um pesadelo do qual o homem deseja despertar.

O processo de fuga do pesadelo da História, articulado no romance europeu, estaria contraposto, segundo a interpretação de Mielietinski, à postura dos escritores latino-americanos, que utilizariam o mitologismo para inserir-se na História diferenciada de seus países, onde as populações ainda possuem elementos do universo mítico e ancestral intermediando suas relações diárias. A distância entre o sujeito histórico e o elemento mítico estaria pautada em diferentes parâmetros uma vez que a utilização do mito, em alguns casos, seria um empenho consciente para resgatar uma coesão, e mesmo uma identidade comum. Logo, o cerne da diferenciação, quanto à prática do mitologismo no romance do século XX, segundo Mielietinski, estaria na experiência da História, que se apresentaria com diferentes contornos, na Europa e na América Latina.

2 O mitologismo e escritores latino-americanos do século XX

Faz-se necessário refletir sobre as ideias discutidas por Mielietinski quanto ao uso do mitologismo pelos escritores modernos latino-americanos. Primeiramente, pensemos na questão referente ao retorno a um "paraíso perdido", a uma "idade de ouro". Em sua análise, o teórico russo não abarca o contexto histórico-social da América Latina. É preciso pensar-se que as décadas de 50 e 60 foram marcadas em todo o continente por um apogeu das perspectivas de progresso e desenvolvimento. A febre industrializante no campo econômico, sem dúvida, influenciou a "volta" ao passado no campo literário, assim como às origens míticas e às tradições indígenas anteriores à conquista. Também é preciso avaliar que a utilização dos mitos pelos escritores latino-americanos passa por um processo similar ao europeu no que se refere ao intelectualismo implícito ao uso dos legados tradicionais. Desta forma, embora os mitos façam parte da tradição nacional, eles são reconfigurados na prática literária por meio de um grande exercício de erudição. Dentro dessa questão, também pode ser lembrada, uma circunstância histórica mexicana - a Revolução de 1910 – que marca o início da discussão que retoma e valoriza o mundo indígena como uma essência realmente nacional da população do país. Logo, a nostalgia do "paraíso perdido" e o profundo conhecimento intelectual das narrativas míticas ancestrais não configuram uma tendência unicamente europeia.

O uso dos mitos por parte dos escritores latino-americanos também é fruto de uma prática erudita, ainda que, como no caso mexicano, a experiência cotidiana esteja pulverizada por referências da cultura indígena. A prática de uma poética mitologizante é resultado da cultura livresca, do esforço dos escritores latino-americanos em conhecer as tradições míticas de seus países. A realidade americana pode apresentar resquícios míticos, ou mesmo a coexistência de uma experiência

mítica e moderna, mas, a despeito disso, os mitos, enquanto formulações originais, já estão totalmente adulterados nas sociedades modernas latino-americanas das décadas de 50 e 60. O escritor recria os mitos na literatura e constata que sua forma de sobrevivência íntegra e original somente existe como artifício de criação ficcional. Não há mais lugar para a experiência mítica prática, tal qual era articulada no passado.

Cabe notar que existe, na prática do mitologismo pela literatura latino-americana, uma reflexão, enquanto proposta estética. O romance moderno que conjuga a experimentação narrativa própria do boom, como é o caso de Carlos Fuentes, Garcia Márquez ou Juan Rulfo com uma tradição mítica pré-hispânica, busca captar certas realidades latino-americanas nas quais se manifesta uma fragmentação de tempos e culturas. Apontar para a heterogeneidade cultural, no caso mexicano, é um dos maiores efeitos da utilização do mitologismo. Neste sentido, seus relatos assumem os matizes mais compatíveis com a modernidade estética, pois, criando uma mitologia própria, utilizando a dicotomia mundo dos mitos *versus* mundo moderno, revela-se a condição multi-cultural e multi-racial hispano-americana.

Para Mielietinski, no que diz respeito aos escritores latino-americanos: "as tradições mitológicas ainda são um subsolo vivo da consciência nacional e até mesmo a repetição constante dos mesmos motivos mitológicos simboliza, primordialmente, a estabilidade das tradições nacionais, do modelo vivo nacional". (MIELIETINSKI, 1976, p. 353-354). Segundo Mielietinski, no romance europeu do século XX, o mitologismo "não se baseia nas tradições folclóricas", mas, nos romances latino-americanos e afro-asiáticos, "as tradições folclóricas, arcaicas e a consciência folclórico mitológica podem coexistir, ao menos em forma de resquício, com o intelectualismo modernista de tipo puramente europeu". (MIELIETINSKI, 1976, p. 433). Dessa forma, entre os escritores latino-americanos "o mitologismo acarreta a superação dos limites puramente sociais, mas o plano histórico-social

continua a conviver com o mitológico também em relações especiais de complementariedade". (MIELIETINSKI, 1976, p. 353-354).

Considerações finais

Constata-se, a partir das afirmações de Mielietinski, que duas formas de utilização do mito pela literatura se configuram. Na Europa, a experimentação literária com os mitos está permeada basicamente por um intelectualismo e por uma prática que não se baseia nas tradições folclóricas. Logo, surge desse ponto uma ironia, que tenta amenizar o espaço abismal existente entre a cultura moderna e as culturas "primitivas" retomadas através dos mitos na produção literária. Na América Latina, uma vez que as tradições míticas das culturas pré-colombianas constituem um substrato vivo de parte das populações americanas, há uma necessidade de salientar-se a ideia de que a recriação literária dos mitos permitiria a revelação de uma cultura nacional. Segundo a comparação estabelecida por Mielietinski entre diferentes escritores que utilizam a estruturação mito-poética: "um mesmo mitema adquire sentido diferente (dependendo do contexto cultural do autor). Por exemplo, a morte-ressurreição para Joyce simboliza a infinitude sem perspectiva das máscaras vazias do pavor da história, enquanto que para Mann indica a eterna renovação das velhas formas de vida do espírito e para alguns escritores, o renascimento da cultura nacional". (MIELIETINSKI, 1976, p. 439-440).

Para o escritor europeu o "pesadelo da história" o obriga a fugir para o universo mítico; já o escritor latino-americano, que possui o elemento mítico inserido em sua história, utilizará o mito como mais um componente na busca de uma reflexão sobre as particularidades de sua história. Mito e história não se opõem na literatura americana, estão conjugados, pois remetem às fundações utópicas da ideia de América, da descoberta e conquista dos povos americanos. O renovador da retomada dos mitos pré-colombianos, pelos escritores modernos

americanos, está no fato de aliar a dimensão mítica à dimensão histórica. A história é retomada pelos mitos, pois eles próprios estão inseridos no seu andamento. Não se constrói na América Latina uma literatura que se utiliza dos mitos para deflagrar o "pesadelo da história", mas, ao contrário, os mitos permitem a inserção do leitor na história diferenciada, que é própria das populações americanas. O mito, enquanto substrato vivo na realidade, é o caminho buscado pelo escritor para repensar a realidade. Segundo Carlos Fuentes, em entrevista a Rodríguez Monegal, o escritor latino-americano deveria:

Sair da historiografia, da redação da história para entrar na dialética, que é fazer a história e fazê-la com os mitos que nos fornecem os fios de Ariadne de todo esse passado utópico e épico para transformá-lo em outra coisa. Através do mito, reatualizamos o passado, o reduzimos à proporção humana. Este é o sentido dos deslumbrantes romances de nosso grande clássico moderno Alejo Carpentier. (FUENTES apud GIACOMAN, 1971, p. 49, tradução nossa)².

Sem dúvida é preciso considerar tal proposta, pois a História tem sido sempre um elemento problemático para os povos colonizados; já que é imperativa a ideia de que a história começa a partir da chegada dos conquistadores, surge a percepção de uma lacuna de tempo passado, ou seja, que história anterior à colonização europeia é inexistente. Apesar da cultura indígena ser, comprovadamente, uma oposição a essa tese, o passado pré-hispânico nem sempre é reconhecido, ou pelo menos não é equiparado ao passado do mundo europeu ou oriental. A ideia de passado está marcada por outros matizes na América, impondo a necessidade de mudar a ótica europeia de percepção da história para perceber como a história americana é ainda viva.

Em muitos romances de Carlos Fuentes, conjugam-se acontecimentos da história a gestos míticos que remetem a um *in illo tempore*. O terror da história assume outras características: não há fuga da ordem histórica para viver o tempo

² Salir de la historiografía, de la redacción de la historia para entrar en la dialéctica, que es hacer la historia y hacerla con los mitos que nos dan los hilos de Ariadna de todo ese pasado utópico y épico para convertirlo en otra cosa. A través del mito, re-actuamos el pasado, lo reducimos a proporción humana. Este es el sentido de las deslumbrantes novelas de nuestro gran clásico moderno Alejo Carpentier.

mítico; a repetição do gesto mítico está integrada ao cotidiano da sociedade moderna. Há uma tentativa de alinhar, simultaneamente, duas concepções de tempo-espaço diferentes. Nas obras de Carlos Fuentes, os mitos estão inseridos no andamento da história. Os "ritos de passagem", disseminados em seus romances, aparecem mesclados aos acontecimentos históricos e não se observa uma necessidade de evadir-se da realidade histórica para que uma "iniciação" aconteça com uma personagem. Novamente, em comparação, pode ser citado o caso de *A Montanha Mágica* (1924) de Thomas Mann, pois, neste romance, o personagem que exemplifica a trajetória do herói, Hans Castorp, necessita isolar-se por sete anos num sanatório para tuberculosos para poder voltar a interagir com a história de seu país. Já o herói Ixca Cienfuegos, de *La Región más Transparente* (1958), de Fuentes, utiliza recursos da tradição mítica conjugados a recursos práticos do mundo moderno para incitar a "iniciação", própria aos "ritos de passagem", das diferentes personagens. Toda a ação do romance gira em torno de Ixca Cienfuegos, posto que sua mãe, Teódula Moctezuma, deseja oferecer aos seus mortos, marido e filhos, um sacrifício humano, o qual propiciaria o descanso necessário a estes parentes mortos. Assim, ela incumbe seu filho Ixca Cienfuegos de buscar uma vítima espontânea para participar do sacrifício. O parentesco entre Ixca e Teódula é questionável já que a diferença de idade entre Ixca e os outros filhos de Teódula é imensa, esta filiação pertenceria mais ao plano espiritual. A partir do pedido de Teódula, Ixca parte em sua empresa e começa uma peregrinação pelas diferentes camadas sociais mexicanas. A sua relação com cada um dos personagens apresentados está marcada pela intenção velada de subjugar-las e enfraquecê-las, o que permitiria sua disponibilidade ao sacrifício.

As tradições míticas possuem diferentes dimensões quando apropriadas pela literatura. Sem dúvida, esta revela um conhecimento intelectual, livresco dos escritores modernos americanos, mas não se pode obliterar o fato de que ela é fruto da própria experiência de viver o cotidiano multitemporal das culturas americanas. A experiência com o mitologismo é um caminho estético onde, ao menos no universo da ficção, as margens opostas mito-realidade podem conjugar-se sob a

forma da complementaridade. Cabe ser assinalado que a utilização dos mitos indígenas nas literaturas latino-americanas possui, em alguns casos, o sentido de preservação de uma tradição mitológica. É o que se observa, por exemplo, na obra do escritor peruano J. M. Arguedas. A necessidade de registrar as tradições autóctones pela via da literatura conjuga-se aos pressupostos de busca da identidade americana.

O sentido mais explícito do uso do mitologismo se configura na utilização dos mitos para uma revisão da história. Posto que os mitos que incidem e se repetem ao longo da história da América Latina são um fator de diferenciação das populações americanas, entende-se que a história europeia e a história da América passam por processos diferentes. Os textos literários que conjugam os mitos à história estão inseridos no mecanismo perene dos relatos da História da América. Desde os textos dos descobridores e os relatos da conquista, observa-se que mito, história e ficção se fundem na formação da História da América. Os escritores do século XX, retomam de forma moderna essa fusão. Eles não necessitam dissociar-se da História, pois, pela própria tradição "histórica", mito, história e ficção aparecem conjugados. Os escritores latino-americanos inauguram, com a linguagem do novo romance, uma separação dos polos europeu e americano, pois reformulam, pela estética, toda uma visão de mundo e estabelecem o uso do mitologismo não como fuga da história, mas como uma forma de refletir sobre a história diferenciada da América Latina.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. **El héroe de las mil caras: psicanálisis del mito**. México: FCE, 1959.

FEDER, Lillian. **Ancient myth in modern poetry**. Princeton: Princeton University Press, 1971.

FRAZER, J.G. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1982.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FUENTES, Carlos. **La región más transparente**. Madrid: Cátedra, 1982.

FUENTES, Carlos. **Las buenas conciencias**. Mexico: FCE, 1959.

GIACOMAN, Helmy F. (Ed.). **Homenaje a Carlos Fuentes**: Variaciones interpretativas en torno a su obra. New York: Las Américas Publishing, 1971.

MANN, T. **A montanha mágica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MIELIETINSKI, E.M. **A poética do mito**. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

ORDIZ, J. F. **El mito en la obra narrativa de Carlos Fuentes**. León: Universidad de León, 1987.

PAZ, Octavio. **El laberinto de la soledad**. 3.ed. México: FCE, 1972.

RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. La nueva novela latinoamericana. In: RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. **Narradores de esta América**. Montevideo: Alfa, 1969. p.11-36.